

fragmento arquivo “nós aqui, entre o céu e a terra”

Eleonora Fabião¹

O que está em jogo aqui?

Do que precisaremos abrir mão para liberar a radical capacidade criativa da imaginação e dela obtermos o que for necessário para a tarefa de pensar O Mundo de outra maneira?²

Denise Ferreira da Silva

Se nós estamos vivendo esse tempo de total imprecisão até no sentido da experiência de viver, a arte se constitui no lugar mais potente e mais provável de se constituírem novas respostas e novas perguntas para o mundo que nós vamos ter que dar conta daqui pra frente.³

Ailton Krenak



nós aqui, entre o céu e a terra

Parque Ibirapuera, São Paulo (15/9/2021)

Cadeira do Museu da Diversidade Sexual da Secretaria Estadual de Cultura de São Paulo sendo levada para a 34ª Bienal de São Paulo

Foto: Jaime Acioli

¹ Eleonora Fabião é performer e teórica da performance. Realiza ações, exposições, palestras, leciona e publica internacionalmente. *Coisas que precisam ser feitas* (Performa New York, 2015) é o título de um trabalho e também um modo de referir-se à prática. Professora da UFRJ – Graduação em Direção Teatral e Pós-graduação em Artes da Cena. Coordenadora do Curso de Direção Teatral e do Núcleo Experimental de Performance (NEP UFRJ). Doutora e Mestre em Estudos da Performance (New York University) e Mestre em História Social da Cultura (PUC-Rio). Pesquisadora CNPq-nível 2.

² SILVA, Denise Ferreira da. “Diferença sem separabilidade”. In: *Catálogo 32a Bienal de São Paulo: Incerteza Viva*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016.

³ KRENAK, Ailton. *do tempo*. São Paulo: n-1 edições, 2020.

27

27

- 1 cadeira da Assembleia Estadual
- 1 cadeira da Câmara Municipal
- 2 cadeiras de bibliotecas públicas
- 3 cadeiras de centros culturais públicos
- 3 cadeiras de clínicas psiquiátricas públicas
- 2 cadeiras de escolas públicas de ensino fundamental
- 1 cadeira de escola pública de ensino médio
- 1 cadeira de escola pública técnica
- 3 cadeiras de hospitais públicos
- 1 cadeira de instituto de pesquisa científica público
- 4 cadeiras de museus públicos
- 3 cadeiras de teatros públicos
- 1 cadeira de universidade pública
- 1 cadeira da fundação anfitriã

Eleonora Batista Fabiao <ef383@nyu.edu>

Thu, Nov 24, 2022 at 12:21 PM

To: Daniel Castanheira <dcastanheira@gmail.com>

Cc: Aline Leal <alinelfbarbosa@gmail.com>, Gabriel Martins <gabrielms8@gmail.com>, Marília Cardoso <mariliarothier@gmail.com>

Olá Daniel, Marília, Aline e Gabriel –

Muito obrigada pelo contato e pelo convite para colaborar na Revista Garrafa. Foi um prazer participar do seminário Poiésis de Arquivo.

Desculpem-me não ter respondido antes. Demorei porque estou buscando um caminho para contribuir que seja condizente com o que fiz no seminário. Compartilharei com vocês o que tenho pensado e me digam, por favor, o que lhes parece.

Como vocês sabem, minha participação na mesa em setembro não foi uma palestra nos moldes tradicionais. Tratava-se mais de uma ação derivada de outra ação. Me refiro a “nós aqui, entre o céu e a terra”, trabalho comissionado pela 34a Bienal de São Paulo e realizado com mais de uma centena de colaboradoras e colaboradores nas ruas da cidade, em instituições públicas e no Pavilhão Ciccillo Matarazzo. Como disse na ocasião, me interesse pela narrativa da experiência e pela experiência da narrativa. Me interesse pela cena do pensamento e pela dimensão performativa de seminários acadêmicos – os arranjos espaciais e temporais; o posicionamento e os modos de uso de objetos costumeiros como mesas, cadeiras, microfones, copos e garrafas d’água; as presenças humanas, vozes, timbres, ritmos, sensibilidades, estilos, sequências de movimento; os universos de pesquisa postos em relação. Venho do campo das artes e, como não poderia deixar de ser, especulo sobre as dramaturgias dos nossos encontros. Minha proposta é colocar pressão performativa na cena acadêmica valorizando corporeidade, sensação, materialidade e momento.

A opção naquele dia 23 de setembro de 2022 foi partilhar com vocês um conjunto de matérias selecionadas, matérias de naturezas diversas, coisas objetivas e subjetivas que fazem parte do “nós aqui, entre o céu e a terra”. Levei para o seminário uma espécie de arquivo portátil: 122 imagens (fac-símiles de contratos, desenhos e fotografias), 2 vídeos (curtos), trechos de textos que escrevi ao longo do processo (densidades variadas) e uma esfera de aço maciça (do tamanho de uma bola de tênis) envolta em fibra vegetal (paina) dentro de uma caixa de madeira (tauari). Esfera e paina vivem desde o último dia da bienal (5/12/2021) no escuro da caixa (9x9x9cm). Este objeto raríssimamente sai de casa e não viaja para longe pois não anda de avião (teria que ser despachado na bagagem, o que não farei por conta do perigo de extravio). Para o deslocamento até a PUC, envolvi a caixa com um pano (branco) e a acomodei em uma sacola de pano (cru). Fomos de taxi.

Naquele tipo de apresentação, ou ainda, naquele tipo de partilha, a prioridade não é garantir a apreensão de um evento ocorrido no passado por meio de documentos, mas investigar as relações e proliferações que uma experiência narrativa e suas matérias podem ou não seguir movendo transtemporalmente. Ao final, quem me escutou certamente compreendeu o que fizemos na bienal, mas a questão não era passar informações. A questão, o ponto, o lance é transmitir vivências. A busca é por praticar filosofia da diferença, cultivar singularidade, multiplicidade e imaginação em meio ao deserto eletro-informacional da monocultura narcísica neoliberal.

Pois bem, me mantendo fiel ao que agi no seminário, a proposta para a Revista Garrafa é partilhar matérias. A proposta é seguir lidando com as noções de arquivo performativo e historiografia performativa que desenvolvi anos atrás ao longo do doutorado em Estudos da Performance e seguem me guiando na lida com as matérias do mundo e com as estranhezas e desvarios do tempo.⁴ Nessa lida, a energética do fragmento é uma força e uma guia.

Diferentemente de um detalhe, um fragmento não evoca uma suposta totalidade a qual pertencia originalmente. Pelo contrário. Um fragmento não está melancolicamente buscando uma inteireza perdida, mas vividamente reforçando sua precariedade, isto é, sua relatividade e relacionalidade. Aqui, precariedade não é falta, mas abertura para relação. Precariedade é incompletude estruturante e movente. Não há totalidade a ser alcançada a partir de fragmentos. De acordo com a lógica do fragmento, a miragem de uma suposta totalidade é mais um fragmento a ser agregado ao movimento porque, no final das contas, o que vivenciamos é a experiência incessante de movimento permanente no movimento permanente. Fragmentos sacodem crina, batem casco e recusam fechamento. Estão abertos, inacabados, inacabáveis. Buscam alianças, conjunções, acoplagens. Um fragmento retém a pulsão disruptiva que o formou e segue seu destino articulador e rearranjador. Essa é sua força ética, estética e política. Ele se afirma como campo de forças aberto que atrai e repulsa outros fragmentos gerando sucessivas desinteirezas. Em voo, para longe de sequencialidades pré-determinadas, fragmentos constelam em movimento e geram movimento.

A proposta, então, nas páginas da Garrafa, é seguir constelando com as leitoras e leitores fragmentos do “nós aqui, entre o céu e a terra”. Como provavelmente utilizarei fotos, preciso esclarecer como lido com a geração de imagens nas performances que fazemos. Colocando da maneira mais simples possível, digo a vocês que não trabalho com câmeras que “capturam” (assim como não me interessa “explorar” situações, “dominar” linguagens, “controlar” movimento). As imagens que possam vir a ser publicadas na Garrafa são desdobramentos das ações com suas materialidades e temporalidades próprias. A lógica não é a da fotografia representacional, do arquivo que retém, mas da multiplicação e da partilha de matérias. A movida é performativa. As fotos e vídeos derivam, expandem, proliferam os acontecimentos por meio do acontecimento imagem. A entrada de imagens no circuito de matérias de cada ação permite que o trabalho siga trabalhando com novas interlocutoras e interlocutores, constelando outras relações, se relacionando por meio de diferentes dinâmicas e dimensões performativas. É a tal história, insisto, as fotografias não capturam o evento (as capturas aprisionam e matam), mas desdobram o acontecimento em novas materialidades com suas próprias velocidades, temporalidades, modos relacionais e alcances. O princípio ativo do arquivo performativo não é reter, deter, apreender, mas articular, potencializar e liberar forças. Os ditos “documentos” são objetos transitivos. Objetos transitivos abertos às circunstâncias.

Jacques Derrida nos apresenta a febre de arquivo, Rebecca Schneider nos revela o autoritarismo patriarcal do arquivo, Diana Taylor nos demonstra a importância do repertório, André Lepecki nos propõe o corpo-arquivo. Experimento arquivos como formas de vida fragmentárias e constelares. Como nos ensina Arthur Bispo do Rosário e seu “arquivo de tudo o que existe no mundo”⁵,

⁴ Ver: FABIÃO, Eleonora. “History and Precariousness: in search of a performative historiography”. In: *Perform, Repeat, Record*. JONES, A.; HEATHFIELD, A. (orgs.). Londres e Nova York: Thames and Hudson, 2012.

⁵ Ver: FABIÃO, Eleonora. “The Archive of Everything that Exists in the World”. In: *Infinite Record: archive, memory, performance*. ELY, K.; SCHWAEGERMANN, M. (orgs.). Nova York: Brooklyn Arts Press, 2016.

arquivos são casulos e múmias, útero e tumba. A corporeidade é fantasmática (ou a fantasmagoria é corpórea) e sua materialidade é acontecimento (as coisas são fatos, ocorrências, aberturas). Um arquivo é um núcleo de força, um campo magnético, uma usina de relações, um disparador imparável, um liberador constelar. Venta muito. O arquivo é sempre e já um fragmento. Confunde a gente uma ilusão de paragem (desejo de apreender), uma obsessão com fechamentos (mania de controlar), uma megalomania de totalidade (vontade de domar), a cultura do cativo (necessidade de dominar). No final das contas, a (gosma da) colonialidade (peganhenta, sufocante, tão profundamente entranhada em nossas vidas) é força ativa (encosto) que precisa ser permanente e sistematicamente expurgada (exorcizada). É preciso muita determinação pessoal e trabalho coletivo para fazer livramento.

Então, Daniel, Marília, Aline e Gabriel, se optarmos por seguir por aí, este e-mail já seria um fragmento do fragmento Garrafa do fragmento arquivo “nós aqui, entre o céu e a terra” a ser constelado com as leitoras e leitores. Além deste e-mail (a ser revisto e ampliado), poderíamos agregar algumas fotos, a carta-programa da ação (texto fotocopiado que ficava disponível no espaço expositivo da bienal para quem quisesse levar) e alguns slides que apresentei no seminário. Mais ou menos isso, vamos ver. Talvez o *poema C* também. Pensando aqui.

Essa proposta faz sentido para vocês? Me digam, por favor. Ou se tiverem alguma outra sugestão, será muito bem-vinda!

Mais uma vez, muito obrigada pelo belo convite.
Forte abraço e viva a democracia brasileira,

Eleonora.

Gabriel Martins <gabrielms8@gmail.com>

To: Eleonora Batista Fabiao <ef383@nyu.edu>

Cc: Daniel Castanheira <dcastanheira@gmail.com>, Aline Leal <alinelfbarbosa@gmail.com>, paulamparo@hotmail.com, Marília Cardoso <mariliarothier@gmail.com>

Mon, Nov 28, 2022 at 8:47 PM

olá eleonora, espero que este e-mail te encontre bem.

conversamos entre nós -- eu, daniel, aline e marília -- e acreditamos que sua sugestão seja uma ótima saída, tendo em vista o caráter experimental da sua apresentação no seminário. certamente não faria sentido um texto que fosse muito distante dos desvios criados na/pela sua fala.

podemos prosseguir dessa maneira, então. mais à frente, junto a Paula, podemos ver os detalhes de como editar e diagramar todo o material. por ora, pode dar continuidade ao texto-experimento, com toda a liberdade que desejar.

grande abraço, qualquer coisa é só escrever,
[Quoted text hidden]

Carta-programa da ação “nós aqui, entre o céu e a terra” – folha A4 fotocopiada em preto e branco, frente e verso, disponível no espaço expositivo para quem quisesse levar.

nós aqui, entre o céu e a terra

São Paulo, 2021.

Sejam muito bem-vindas todas as pessoas a este espaço em construção. Segue aqui o programa da ação *nós aqui, entre o céu e a terra*, trabalho comissionado pela 34ª Bienal de São Paulo.

movimento 0:

de 4 a 7 de setembro, lua nova

Juntar no espaço expositivo as matérias iniciais da ação: 9 varas de bambu, tiras de borracha, cabo de aço, pregos e paredes para suspender futuras fotos, espelho, imagem aérea do Parque Ibirapuera com desenho de círculo, quadrado e triângulo em prata, nomes de instituições e pessoas colaboradoras, 1 cadeira da Fundação Bienal de São Paulo – a primeira de uma longa série de cadeiras por vir – e esta carta-programa.

movimento 1:

de 8 a 16 de setembro, lua crescente

Trazer 26 cadeiras de instituições públicas ligadas à saúde, educação, cultura e legislação, situadas em um raio de 5km ao redor do Parque Ibirapuera, pelos céus da cidade de São Paulo até o Pavilhão Ciccillo Matarazzo. Carregar as cadeiras pelo alto, pelas ruas e avenidas, uma de cada vez, firmadas com faixas de borracha nas pontas de 4 varas de bambu de 3m (uma em cada perna). Cada cadeira sai de sua instituição de origem e areja pela cidade trazida por um grupo de 9 pessoas. Levar conosco um espelho. Seguir cuidadosamente, em todos os deslocamentos, os protocolos de combate ao Covid-19. Só interessa fazer vida na vida. Uma vez no espaço expositivo, colar nas cadeiras plaquinhas de identificação em aço com os nomes das instituições e o título da ação, 27 cadeiras no total, como são 26 os estados do Brasil + Distrito Federal.

Instituições públicas que colaboram na ação:

Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, Biblioteca Anne Frank - Sistema Municipal de Bibliotecas, Biblioteca Mário de Andrade, Câmara Municipal de São Paulo, Centro Cultural da Diversidade, Centro Cultural São Paulo, Centro Cultural Vila Itooró, Centro de Atenção Integrada em Saúde Mental - CAISM (EPM-UNIFESP), Centro de Atenção Psicossocial Prof. Luís da Rocha Cerqueira - CAPS Itapeva, Centro de Convivência e Cooperativa - CECCO Ibirapuera, Escola Estadual Profa. Marina Cintra, Escola Municipal de Educação Infantil Armando de Arruda Pereira, Escola Municipal de Educação Infantil Patrícia Galvão, Fundação Theatro Municipal de São Paulo, Hemocentro - UNIFESP, Hospital do Servidor Público Estadual de São Paulo, Hospital Municipal Infantil Menino Jesus, Instituto Biológico de São Paulo, Museu Afro Brasil, Museu da Diversidade Sexual, Museu do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, Museu Lasar Segall, SP Escola de Teatro, Teatro João Caetano, Teatro Sérgio Cardoso, Universidade Estadual Paulista - UNESP.

Essas cadeiras não são “objetos encontrados” nem foram criadas para a ocasião. Elas são nossos objetos convidados. Coisa de um tipo muito singular: coisa pública (*res publica*). Nem mercadoria nem propriedade privada, mas bem comum. Caso queiram, visitantes da Bienal poderão sentar-se nelas – assentar por um tempo, recostar um pouco, ficar aqui.

movimento 2:

de 17 a 19 de setembro, véspera de lua cheia

Seguir as linhas prata desenhadas na foto aérea do Ibirapuera e firmar os 9 bambus dentro e fora do Pavilhão formando um triângulo, um quadrado e um círculo. 8 varas são fincadas no Parque, cerca de 2,20m



dentro da terra – as pontas de fora, parcialmente envolvidas com cabo de aço. 1 vara é suspensa no espaço expositivo junto às cadeiras, com cabo de aço – o espelho posicionado por baixo. Os 9 bambus firmam 9 pontos desenhados sobre o prédio retangular da Bienal: os 3 vértices do triângulo, os 4 vértices do quadrado e 2 pontos diametralmente opostos do círculo. A vara suspensa no espaço expositivo marca, simultaneamente, 1 dos vértices do quadrado e o centro do círculo.

movimento 3:

de 20 a 27 de setembro, semana de lua cheia

Pendurar no espaço expositivo fotos da ação nas ruas e da firmação dos bambus no Ibirapuera.

movimento 4:

novembro, passados 2 meses de Bienal

Realizar uma roda de conversa (virtual ou presencial dependendo das circunstâncias da pandemia) com a participação das cadeiras, de trabalhadoras e trabalhadores das instituições colaboradoras, artistas e público. Nos perguntarmos: como articular saberes diversos, criar ações interinstitucionais consistentes e trabalhar mais e melhor colaborativamente? Imaginar possibilidades – mini bibliotecas itinerantes, estúdios para estudantes, encontros interdisciplinares, cooperações e intercâmbios. Nos parece que se não agirmos nessa direção, continuaremos confinadas mesmo depois do fim da quarentena.

movimento 5:

última semana de Bienal

Desfazer o espaço aos poucos. Devolver as cadeiras para as instituições, porém de modo trocado. Por exemplo: a cadeira que pertencia a uma escola será

entregue a um hospital, a cadeira do hospital passará a ser de um teatro e assim por diante. No momento da entrega, dar a cada instituição uma foto do projeto emoldurada e assinada. Caberá a cada uma definir o destino das novas peças de seu acervo.

Desenterrar os bambus, secá-los ao sol, queimá-los e deixar as cinzas no Ibirapuera. Fundir os cabos de aço, transformá-los em uma esfera compacta, envolvê-la com algodão e guardá-la numa caixa de madeira. Algodão branco e esfera prata viverão, então, no escuro da caixa. Enterrar o espelho no Ibirapuera. Quem sabe algum dia ele venha a ser encontrado. Se for, tomara que seja possível ver nele tudo o que ele viu.

•

Desde sua concepção, *nós aqui, entre o céu e a terra* vem envolvendo diretamente mais de uma centena de pessoas por meio de conversas, encontros, documentos, gestos. Este trabalho seria inexecutável sem o engajamento e a solidariedade de cada uma delas que se dispôs a realizá-lo conosco. Agradecemos imensamente a colaboração. Agradecemos o desejo de abrir e futurar. No momento histórico que nos coube viver, nos reunimos para imaginar modos vitalistas de fazer coisas acontecerem tem significação e força tremendas.

Agradecemos igualmente sua presença e atenção. Esta ação se estende agora até você. Ela faz com você. E você faz com ela. O que quiserem.

Nós aqui, entre o céu e a terra.

Eleonora Fabião e equipe.



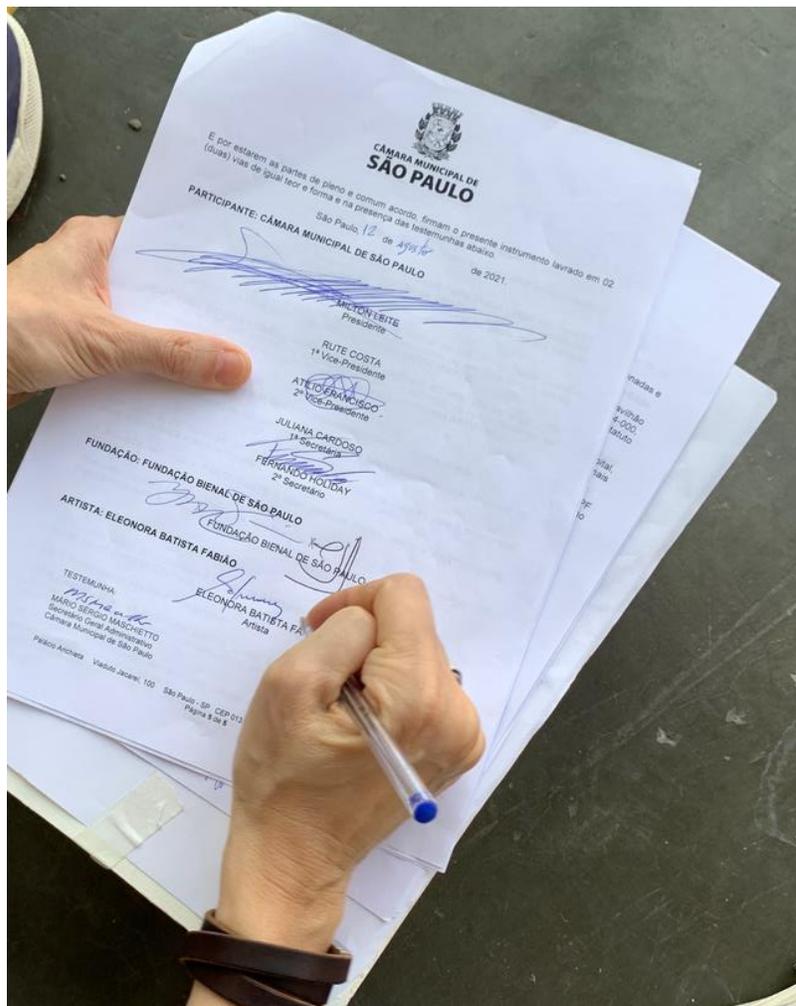
nós aqui, entre o céu e a terra

Avenida Brigadeiro Luís Antônio, São Paulo (9/9/2021)

Cadeira do Centro de Atenção Psicossocial, CAPS Itapeva, sendo levada para o Pavilhão Ciccillo Matarazzo

Foto: Jaime Acioli

C como em cadeira como em covid como em circunstâncias como em concentração como em corpo conceito contato contrato convicção cumplicidade companheirismo conectividade colonialidade contracolonialidade contramão contração contorção corrosão coração cabeça casco cornos couro couraça cartilagem casaco chapéu colher canja caldo concha carne chokito chiclete catástrofe caos controvérsia calibre culminância crítica clínica calma cosmos cósmico cosmético cansaço canestro contínuo colapso capital crédito comércio catraca crachá clorofila carbono co2 cloridrato calminex cálcio cefalexina comorbidade cadeira carro cão coisa coisar coisação confluência cemitério certeza calamidade clarividência catapimba catiripapo Cátia Cynthia César Caboco Conceição Camila Crivelli Carol Corinthians cor cá cocar cór (de)cór cru cu créu com contra contraponto contradição cratera crack cracolândia cintilância cidade cinema cacofonia caco corja cruzo cruzamento crise cume cai canto canto carta cadeira café cafuné chá chuvinha cochilo cama calcinha casa comida coqueiro carnaúba cactos casca caca calçada coberturazinha chinelo churrasco cigarro cigarra cronológica cronopoética cronopolítica cronocromática contemporânea cotidiana construção comichão constituição caneta coque cabelo cabeleira cabeluda (des)cabelada caquética catequese carinho caminho caminhão capitão carrasco cretino corrupto cafajeste canalha covarde cínico claustrofobia câncer carão carvão cavar contar cavar continuar continuar constatar cavar cravar concatenar contracenar combinar celular chamada camada coleção constelação cometa corneta clarineta cúica cuia cumbuca cornucópia curumim cabaça caçamba cacimba (des)controle cadeira conta conto contigo comigo conosco conjunto contrapelo confusão compor (de)compor compostagem cadeira completamente cuidadosamente coletivamente concreto concerto conserto cimento combustão comunhão constipação comunicação compressão chão céu chave cê corta corte curto cobertor curto consolação (rua da) consolação campo coconstitutivo e coextensivo.



nós aqui, entre o céu e a terra

“Termos de Adesão e Compromisso” foram assinados por todas as instituições colaboradoras, pela Fundação Bienal e pela artista (via DocuSign ou em papel)
Foto: André Lepecki

bem comum

coisa que não pertence a ninguém

a coisa fora da lógica da propriedade privada

coisas utilizadas e mantidas por coletivos

o comum e o incomum

o incomum e o em comum

o contrário do lucro que não é o prejuízo

e a arte da performance.



nós aqui, entre o céu e a terra
Pavilhão Ciccillo Matarazzo, 34a Bienal de São Paulo
Fotos: Camila Ferreira, Eleonora Fabião e Jaime Acioli



$$27 = 2 + 7 = 9$$

As 9 varas de bambu utilizadas nas caminhadas foram posicionadas em 9 pontos específicos: 8 no Parque Ibirapuera e 1 dentro do pavilhão. As varas estão a dezenas de metros umas das outras marcando pontos-chave de uma escultura invisível. Invisível e monumental.

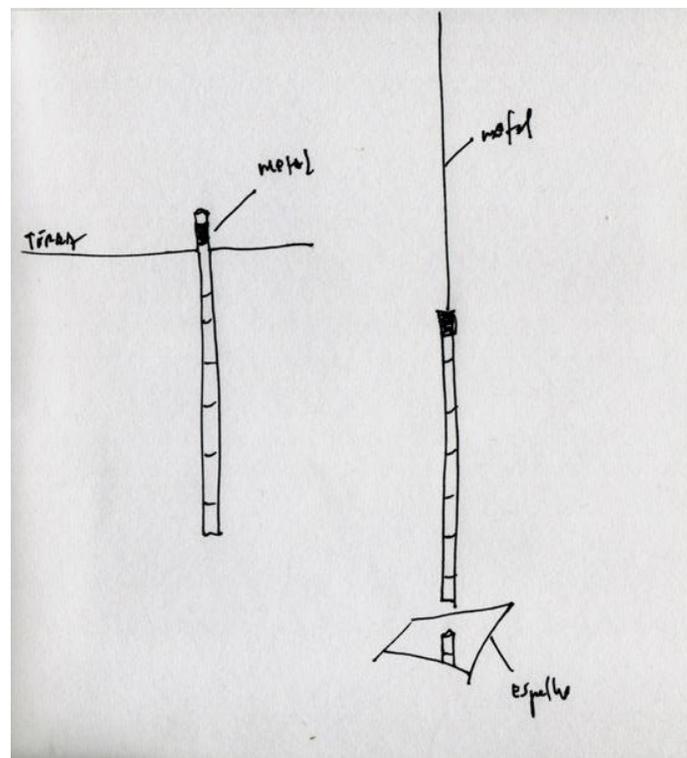
Os bambus marcam os 3 vértices de um triângulo, os 4 vértices de um quadrado e o centro mais 2 pontos em reta do perímetro de um círculo. Como uma das arestas do quadrado e o centro do círculo coincidem, somam-se 9 pontos.

O desenho da escultura está no espaço expositivo – são traços em tinta prata sobre uma fotografia aérea do Parque Ibirapuera (1x1,64m). A escultura inclui o retângulo/paralelepípedo de concreto que o Pavilhão Ciccilo Matarazzo é.

As varas no parque ficam semienterradas: 2,20m dentro da terra e 80cm fora. A vara no espaço expositivo compõe com as cadeiras – flutua a 10 centímetros do chão sobre o espelho. Ela se move pendularmente de acordo com as correntes de ar e o fluxo de gente no espaço. É ela que marca aquele ponto específico, ao mesmo tempo vértice do quadrado e centro do círculo.

Todos os bambus são espiralados com uma linha de metal – cabo de aço prateado, espessura 3mm.

O desenho da escultura geométrica também fica exposto ao lado de cada vara fincada no parque. Em cada desenho está marcado o ponto correspondente àquele bambu específico.



nós aqui, entre o céu e a terra
Estudo, Eleonora Fabião

Os 8 buracos (2,20m de profundidade e 45cm de largura) foram escavados com um trado manual. Para perfurar cada buraco, foram centenas e centenas de rotações espiralares.



nós aqui, entre o céu e a terra
Parque Ibirapuera (18/9/2021)
Fotos: Jaime Acioli

No chão da galeria o espelho faz buraco para cima.



nós aqui, entre o céu e a terra
Pavilhão Cicillo Matarazzo, 3º e último andar
Foto: Dieymes Pechincha

27

São Paulo, 27 de novembro de 2021.



nós aqui, entre o céu e a terra

Cadeiras em círculo para conversa entre representantes das instituições e artistas convidadas/os
Pavilhão Ciccillo Matarazzo (27/11/2021)

Foto: Marcio Abreu

O grande grupo foi subdividido em 5 grupos de trabalho. Trecho da ata de um dos grupos:

“Conversamos sobre passagem de conhecimento entre profissionais de áreas diversas. Imaginamos uma semana no ano em que representantes de variadas instituições visitam escolas de ensino médio para palestrar sobre suas profissões – médicas, músicos, enfermeiras, biólogas, artistas, gestores culturais, deputadas, pesquisadores, museólogas, bibliotecários, etc.

Ainda sobre passagem de conhecimento, o Instituto Biológico (Edite) e o Centro de Atenção Integrada em Saúde Mental – CAISM (Jacqueline) iniciaram diálogo sobre oficinas de jardinagem. O CAISM está precisando reformar o jardim do hospital, uma atividade a ser realizada com usuários/as.

O Hemocentro (Ana Marcela), por sua vez, se interessou pelas “práticas de saúde mental através da arte” realizadas no CAISM, e convidou Jacqueline para lecionar uma oficina sobre a técnica que utiliza. Seu objetivo é realizar a atividade no Hemocentro com pacientes transplantadas/os.

Fomos informadas de que o Centro Cultural da Diversidade (André) está promovendo residências artísticas e seria importante criar um circuito de locais onde os trabalhos pudessem ser apresentados.

Conversamos sobre a importância de visitas guiadas em prédios que são patrimônio público. A Câmara, conforme relatou Jonas, está aberta para visitação e nenhum/a participante da roda conhecia o local.

A Câmara está precisando de consultoras/es especialistas para a elaboração de eventos. Por exemplo: eventos com a comunidade LGBTQIA+ e solicitou ajuda do Centro Cultural da Diversidade (André), que se prontificou. Também o apoio do CAISM para um evento voltado para a área da saúde; Jacqueline, igualmente, se prontificou.

Conversamos sobre a possibilidade de campanhas de doação de materiais com fins específicos como, por exemplo, a construção de uma padaria artesanal para usuários/as do CAISM.

Buscando mais meios para a partilha de conhecimento, falamos sobre a importância de pesquisadoras/es saírem de seus laboratórios para encontros presenciais com públicos diversos. Porém, como encontrar pessoas interessadas em realizar atividades interinstitucionais para além daquelas ali presentes? Por conta da experiência na UNESP, Daniel imaginou a criação de um banco de dados de pesquisas e de pesquisadoras/es. Um banco de dados para facilitar comunicação.”



nós aqui, entre o céu e a terra
Estudo troca de cadeiras, Eleonora Fabião



nós aqui, entre o céu e a terra
Cadeira da Escola Municipal de Educação Infantil Patrícia Galvão e sua fotografia (na rua, quando trazida para o pavilhão) sendo retiradas do espaço expositivo para entrega no Centro Cultural São Paulo. Todas as cadeiras e fotos foram retiradas à vista do público e com o auxílio de produtoras, educadores/as, pessoal da limpeza e manutenção, bombeiros, artistas, visitantes, seguranças e curadores da 34ª Bienal. Na foto: Paraíba, eletricista da Bienal há mais de 30 anos, e Eleonora (4/12/2021)
Foto: maria h miguel



nós aqui, entre o céu e a terra

Rua da Consolação 1.289, São Paulo (3/12/2021)

Cadeira da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo e sua fotografia (na rua) sendo entregues na Escola Estadual Marina Cintra

Foto: Eleonora Fabião

Ficha técnica e lista de agradecimentos na parede do espaço expositivo:

nós aqui, entre o céu e a terra

concepção e condução: Eleonora Fabião

assistência: Lindsay Castro Lima

colaboração nas ruas: Dieymes Pechincha, Felipe Ribeiro, Luanda Carneiro Jacoel, mariah miguel e Viniciús Arneiro

colaboração na roda de conversa: Adriana Schneider, Dieymes Pechincha, Marcio Abreu, mariah miguel, Sonia Sobral

interlocução: André Lepecki

construção: Jabal EL Murbach

design: Paula Delecave

fotos: Jaime Acioli

vídeo: Felipe Ribeiro

curadoria geral: Jacopo Crivelli Visconti

curadoria adjunta: Paulo Miyada

Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo

Alan Oliveira, Carlão Pignatari, Douglas Câmara, Felipe Khalaf Vorperian, Julio Ramos, Leonardo Liebana, Regis Kuwahara, Vilma Jacob

Biblioteca Anne Frank – Sistema Municipal de Bibliotecas

Marcela da Silva Oliveira Dias Vieira, Marilda Ferrão, Raquel Oliveira, William Okubo

Biblioteca Mário de Andrade

Bia Mantovani, Bruna Pimentel, Carol Rodrigues, Joselia Aguiar, Murilo Vieira

Câmara Municipal de São Paulo

André Toledo, Jonas Gomes, Josivaldo Pereira e Silva

Centro Cultural da Diversidade

André Fischer

Centro Cultural São Paulo

Hélio Menezes, Kelly Leani Santiago, Paulo Leandro Fernandes Soares, Ramon Soares, Rodolfo Beltrão

Centro Cultural Vila Itororó

Higor Advenssude

Centro de Atenção Integrada em Saúde Mental – CAISM (EPM-UNIFESP)

Fernanda Del Santoro Reis, Fernanda Pimentel, Jacqueline Santoantonio

Centro de Atenção Psicossocial Prof. Luís da Rocha Cerqueira – CAPS Itapeva

Cassia Gomes, Vladimir de Freitas Junior

Centro de Convivência e Cooperativa – CECCO Ibirapuera

Carla Conceição Colombo Ribeiro Camarote, Claudia de Lima Paffi Vidal, Denise Jorge Molina, Harete Vianna Moreno, Maria Odete Ramos dos Santos Gallardo

Escola Estadual Profa. Marina Cintra

Alessandra Aparecida Machado Rodrigues de Souza, Marcos Kostiw

Escola Municipal de Educação Infantil Armando de Arruda Pereira

Katia Cristina da Ponte

Escola Municipal de Educação Infantil Patrícia Galvão

Andrea Gimenez, Claudia Rosa de Oliveira

Fundação Theatro Municipal de São Paulo

Alessandra Fernandez Alves Da Costa, Andrea Caruso Saturnino, Bruno Imparato, Eduardo Augusto Sena, Gisa Gabriel, Hugo Possolo, Letícia Schwarz, Radamés Marques Miguel dos Anjos, Renato Musa Dos Santos, Ruby Núñez

Hemocentro – UNIFESP

Fabiana Sinnott Ghaname, Maria Stella Figueiredo, Taiza Stumpp

Hospital do Servidor Público Estadual de São Paulo

Daniel Almeida, Keila Silva, Paloma Patrocínio, Tarcila Zonaro

Hospital Municipal Infantil Menino Jesus

Andrea Cotait, Antonio Carlos Madeira, Cynthia Carvalho, Gisele Soler

Instituto Biológico de São Paulo

Aline Alves de Souza Lima, Ana Eugenia de Carvalho Campos, Edite Siqueira Rodrigues, Roberto Tadeu da Silva

Museu Afro Brasil

Emanoel Araujo, Sandra Mara Salles

Museu da Diversidade Sexual

Ellen Nicolau, Rodrigo Alcântara

Museu do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo

Aldo Silveira Scaglione, Ana Paola Marioti Castro, Anderson Reginaldo Rosa, Bruno Bettine de Almeida, Elaine Silva dos Santos, Hevlm Vicente Travassos, Luciana Almeida Prado Bresciani, Wesley Dias dos Santos

Museu Lasar Segall

Marcelo Monzani, Paulo Simões

SP Escola de Teatro

Elen Londero, Ivam Cabral, José Paulo Canuto

Teatro João Caetano

Leandro Lopes Resende

Teatro Sérgio Cardoso

Danielle Barreto Nigromonte, Dyra Oliveira, Fernanda Bento, Marília Tapajóz

Universidade Estadual Paulista – UNESP

Cezar Leal, Joana Bueno, Juliana Cortez, Marcos Costa, Paulo Moura, Raul Borges Guimarães

Adrian Heathfield, Adriana Schneider, Aline Coelho, Ana Pimenta, Bruna Cândido, Bruno Lara Resende, Camila Eeg-Tverbakk, Caroll Teixeira, Claudia Polubriaginof, Dayse Bispo, Izabela Pucu, Karmenlara Ely, Liz Heard, Luiza Leite, Luiza Mello, Marcio Abreu, Mariana Mantovani, Marisa S. Mello, Rara Dias, Sonia Sobral, Tania Rivera e Valentina Fabião Lepecki.

Os bambus foram desenterrados, secados ao sol por 7 dias e partidos para a queima.



Foto: Eleonora Fabião



Foto: Eleonora Fabião

As cinzas foram espalhadas no Parque Ibirapuera.
Ibirapuera é palavra tupi-guarani ypy-ra-ouêra que significa pau podre.



Foto: Eleonora Fabião



Foto: Jabal El Murbach

Os cabos de aço foram derretidos e transformados em esfera.



Fotos: Jabal El Murbach



Foto: Eleonora Fabião

O espelho foi enterrado no chão do Ibirapuera.
Se algum dia for encontrado, tomara que seja possível ver nele tudo o que ele viu.

Os fragmentos de fragmentos de fragmentos fazem com você.
E você faz com eles.
O que quiserem.

nós aqui, entre o céu e a terra.